

Territorialidades do esporte: o vôlei em Copacabana

Territorialities of the sport: the volleyball in Copacabana

Territorialidades del deporte: el voleibol en Copacabana



Marcelo Ribeiro Tavares

Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil

marcelostavares@gmail.com



Lilian Fessler Vaz

Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil

lilianfv@gmail.com



Madalena Cunha Matos

Universidade de Lisboa - Lisboa - Portugal

mcunhamatos@fa.ulisboa.pt

Resumo: A cidade, como lugar privilegiado de práticas sociais, tem no esporte um uso importante na vinculação de sentidos para a paisagem. Através de revisão de literatura, se repassam conceitos sobre a territorialidade do esporte e se discute a formação de territorialidades específicas pelo vôlei na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. A conjunção de fatores históricos na introdução desse esporte no Brasil e os usos cotidianos que persistem para a prática amadora e profissional do vôlei em Copacabana revelam diversificadas apropriações do espaço público na contemporaneidade urbana.

Palavras-chave: praia; esporte; territorialidades; Copacabana.

Abstract: The city as a privileged place of social practices has in sports an important use in the connection of senses to the landscape. Through a literature review, concepts about territoriality of the sport are reviewed and the formation of specific territorialities by volleyball on the Copacabana beach in Rio de Janeiro is discussed. The conjunction of historical factors in the introduction of this sport in Brazil and the daily practices that persist for the amateur and professional practice of volleyball in Copacabana reveal diversified appropriations of the public space in the urban contemporaneity.

Keywords: beach; sport; territorialities; Copacabana.

Resumen: La ciudad como lugar privilegiado para las prácticas sociales tiene un uso importante en el deporte al vincular significados con el paisaje. A través de una revisión de la literatura, se revisan conceptos sobre la territorialidad del deporte y se discute la formación de territorialidades específicas por el voleibol en la playa de Copacabana, en Río de Janeiro. La combinación de factores históricos en la introducción de este deporte en Brasil y los usos diarios que persisten para la práctica aficionada y profesional de voleibol en Copacabana revelan diversas apropiaciones del espacio público en la contemporaneidad urbana.

Palabras clave: playa; deporte; territorialidad; Copacabana.

Introdução

Ao se imaginar uma paisagem de praia, duas imagens emblemáticas parecem ser comuns: uma, com a preponderância da natureza, do lugar paradisíaco e autóctone; outra, da paisagem como cenário do lazer e da diversão, do lugar vivenciado. Em analogia ao lugar de estudo apresentado neste artigo, as imagens suscitadas são a orla de Copacabana do início do século XX, com suas areias vazias e com apenas as primeiras construções, e esta mesma orla, nos dias atuais, adensada e envolta por uma paisagem cercada por muitos prédios, muitas pessoas e possivelmente conhecida mundialmente. Essas duas imagens nos trouxeram reflexões distintas: a primeira nos conduziu ao divino, ao natural, onde Corbin (1989, p. 39) alude que o relevo costeiro corresponde às intenções do Criador: “Foi Deus que dispôs a areia no litoral a fim de que ela forme uma barreira. As praias e as dunas não são vistas como resultado da erosão, mas como elementos de uma arquitetura, edificada após o dilúvio”. A segunda, por sua vez, nos remeteu ao território, ao espaço, ao lugar, à paisagem onde tudo aquilo que imaginamos acontece e é apreendido através da vivência.

Ao se estudar o vôlei como uma prática esportiva que pressupõe uma demarcação de territórios na praia, procura-se destacar que, o ato de fincar o poste na areia e montar a rede com o objetivo lúdico do jogo, já indica a marcação de um território e a criação de uma territorialidade, uma vez que esses gestos agregam a participação de diferentes pessoas envolvidas nesse processo e na sua constante realização. O vôlei é um atividade esportiva e de lazer que encontra em Copacabana uma extensa faixa de areia, em torno de quatro quilômetros, como o lugar para sua realização em conjunto com outros esportes tipicamente de praia.

O esporte nas praias é sempre um atrativo, sejam os que se dão no mar ou nas areias. A diversidade de atividades chama a atenção. Surfe, “kitesurf”, natação, mergulho, vôlei, futebol, futevôlei, frescobol, “altinho”, etc., são denominações que encontram expressões diferentes em cada região, como também

possibilidades de esporte que dependem das características da praia e da cultura de cada lugar. Em Copacabana, praia da cidade do Rio de Janeiro, em bairro criado pelo desenvolvimento do capital imobiliário do final do século XIX, o banho de mar foi fazendo parte da vida urbana gradativamente, até que, nos anos 1930, a praia de Copacabana (e o bairro como um todo) se inseriu no imaginário coletivo como um lugar para se viver modernamente (CARDOSO et al., 1986).

Passados quase cem anos desse ápice vivido nas primeiras décadas do século passado, a praia de Copacabana sedimentou sua presença marcante no cenário mundial, como lugar do turismo brasileiro e internacional. Se uma cidade pudesse ter uma capital, Copacabana teria mais força que o Centro tradicional da cidade para sedimentar essa ideia. No bairro, há diversidade em formas de morar, que se estendem desde as coberturas com vistas para o mar aos inúmeros apartamentos conjugados e as favelas. A praia não deixa de ser uma extensão desse microcosmo, que tem seu público aumentado em número e complexidade pela atração de uma população flutuante bastante significativa, que eleva o número de moradores dos quase 150 mil habitantes, em uma cidade já estimada com mais de 6,5 milhões de habitantes (IBGE, 2019; COPACABANA, 2019).

Por meio de pesquisa com revisão de literatura sobre as acepções para o conceito de território, além da vivência em campo, destaca-se aqui o conceito de territorialidade do esporte, para sublinhar que o esporte é gerador de territorialidades e significados próprios em cada lugar que se dá. O vôlei e a praia tornam-se temas de interesse para explorar métodos contemporâneos para os estudos urbanos (JACQUES, 2015). Em Copacabana, verifica-se que o vôlei é gerador de territorialidades específicas, que incluem desde as atividades cotidianas desse esporte na praia, com uma mescla de públicos que se distribuem ao longo da orla, até a sua espetacularização, como aconteceu durante os Jogos Olímpicos de 2016, quando uma arena olímpica foi construída especialmente para abrigar as partidas dessa modalidade.

Mapa 01 – Estrutura geral da Área



Fonte: Concebida pelo autor 1 com base em Google Earth, 2019

Legenda: (A) Forte do Leme; (B) Forte de Copacabana; (C) Local onde foi montada as Arenas de vôlei em jogos internacionais (2007 e 2016); (D) Hotel Belmond Copacabana Palace; (E) Praia de Ipanema; (P1 a P5) Postos de Salvamento – o Posto 6, fisicamente, não existe; (M1 a M3) Estações de Metrô; (V1 e V2) Vias importantes de conexão.

O território como conceito do espaço

Conceito de densa complexidade, mas ampla assimilação na prática, o termo território na sua dimensão teórica pressupõe algumas considerações com outros termos de notável implicação teórica também. Se, quando falamos em território, logo nos vem à mente a noção de país ou de espaço demarcado por fronteiras, grosso modo, é porque o termo território se relaciona diretamente com o espaço. Na literatura usual que faz referência aos conceitos de território e de espaço, alguns autores são peças-chave para alcançarmos um entendimento mais amplo. Grande parte desses autores é estudiosa da Geografia e de ramos que fazem interface com ela. Raffestin (2009) estabelece a distinção entre espaço e território como termos que não são equivalentes, nem sinônimos. Para o autor, o espaço antecede o território, “porque este é gerado a partir do espaço, constituindo o resultado de uma ação conduzida por um ator que realiza um programa em qualquer

nível” (RAFFESTIN, 2009, p. 26), e, ao se apropriar de um espaço (concreta ou abstratamente), o ator o territorializa, conforme as necessidades.

O espaço é, portanto, de fundamental importância para a compreensão do cotidiano dos indivíduos. Compreendê-lo pressupõe associá-lo aos aspectos sociais que são inerentes a todos os indivíduos e à sociedade, sendo, por extensão, objeto de estudo de vários campos do conhecimento. O território, por sua vez, é “um novo paradigma que responde a um certo número de funções geográficas, sociais e políticas, que se inscrevem no universo da memória, das representações e dos valores” (MEDEIROS, 2009, p. 217-218). Assim, a contemporaneidade revela condições de coexistência de múltiplas identidades que se associam a múltiplos territórios, onde as fronteiras são mais fluídas e com mais intercâmbios. No âmbito das grandes metrópoles, chama a atenção a coexistência de diferentes territorialidades pelo fato de vivenciarmos muitos territórios, de diferentes densidades, ao mesmo tempo.

Haesbaert (2016) perpassa em seus estudos conceitos que dizem respeito ao espaço, ao tempo e, sobretudo, ao território. O autor desmistifica a ideia de que o sujeito pode viver sem território, como se espaço e sociedade pudessem ser dissociados, para afirmar que a desterritorialização é um fenômeno contemporâneo que não põe fim à ideia de território, mas, sim, convoca a sociedade a pensar sobre as possibilidades de reterritorialização, ou seja, a atribuição de significado aos contínuos processos de multiterritorialidade presentes a que estamos sujeitos: “multiterritorialidade é, assim, antes de tudo, a forma dominante, contemporânea ou 'pós-moderna', da reterritorialização, a que muitos autores, equivocadamente, denominam desterritorialização” (HAESBAERT, 2016, p. 338).

Logo, compreende-se que existe um espaço no qual o território foi criado e delimitado. A partir das relações sociais cotidianas desenvolvidas em diversas esferas pelos sujeitos, nos seus locais de vida, emerge a noção de territorialidade, que “A territorialidade corresponde ao poder exercido e extrapola as relações políticas envolvendo as relações econômicas e culturais, indivíduos e grupos, redes e lugares de controle, mesmo que seja temporário, do e no espaço geográfico” (SAQUET, 2009, p. 90, grifos do original).

Assim, no estudo aqui apresentado, a territorialidade é entendida como um conceito que, como sintetiza Souza (2013, p. 103), “pode e deve ser aplicado às diferentes escalas e situações – inclusive àquelas do cotidiano”, como nos interessa ressaltar nesse artigo, que se apoia nas especificidades do vôlei para compreender a importância desse esporte para a formação de territorialidades ao longo da orla de Copacabana.

As múltiplas territorialidades

Se território é um conceito associado ao espaço, o termo territorialidade ganha acepção mais específica, e remete à noção de um território no qual se estabelecem relações de troca, com base no poder. No entendimento de Sack (2009, p. 5, tradução livre), “a territorialidade para os seres humanos é uma poderosa estratégia geográfica para controlar pessoas e coisas através da área de controle”, o que nos leva a concluir que a “territorialidade ocorre em graus variados e em inúmeros contextos sociais”, sendo, portanto, “uma expressão geográfica primária do poder social”.

A territorialidade é um conceito que se evidencia em relações de poder sobre o espaço, o que coloca em xeque as formas de controle e a influência de pessoas sobre um lugar. Ademais, a territorialidade configura-se como a principal forma espacial de tomada do poder, o que nos ajuda a entender as relações entre a sociedade e seus indivíduos em um tempo-espaço. A territorialidade é, portanto, uma construção social na tentativa de indivíduos e grupos afetarem as interações de outros, tendo em vista que ela está totalmente inserida no contexto social e está relacionada com a tentativa de um indivíduo ou grupo “afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos ou relacionamentos, delimitando e afirmando controle sobre uma área geográfica”, conforme afirmou Sack (2009, p. 19).

Sinteticamente, se verifica que a formação de territorialidades é uma possibilidade de identificação de relações sociais postas em cena, para marcação de lugares com usos e apropriações organizadas por uma lógica, sobretudo de poder.

Um exemplo de territorialidade que se tem em Copacabana é aquela revelada por ocasião do Ano Novo, onde as festas de Réveillon em Copacabana contribuem para a formação do que os autores chamam de “territorialidade temporária” (MAIA; BIANCHI, 2012). A festa, que congrega dois, três milhões de pessoas na orla de Copacabana, é um exemplo importante da formação de uma territorialidade.

Como também esclarece Saquet (2009, p. 89-90):

A territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo social e de grupos distintos. Nas territorialidades, há continuidades e discontinuidades no tempo e no espaço; as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão-lhe identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar.

Diante das muitas tendências e formas que podem caracterizar as territorialidades, identificou-se que o esporte tem papel importante na formação de territorialidades singulares, sejam efetivas ou também temporárias, pois as atividades esportivas organizam usos específicos no espaço e agregam público de interesses diversificados, sobretudo nos espaços públicos.

As territorialidades do esporte

Campo relativamente novo nos estudos em Geografia, esporte e sociedade há muito tempo formam uma articulação de temas que merece destaque para compreensão da sociedade. Helal (1990) atribui à Sociologia do esporte estabelecer diferenças entre atividades sociais como o brincar, onde as regras são mais flexíveis, o jogo, onde as regras se mostram mais importantes, e o esporte, quando estas são fundamentais como prática institucionalizada, que se relaciona com as próprias leis e códigos sociais vigentes.

Outro aspecto relevante é como os esportes entram no espectro de interesse dos negócios. Bourdieu (2004, p. 208 e 210, respectivamente) afirma que o esporte é conduzido pelas leis do mercado e destaca que, para compreendermos um determinado esporte, é necessário “reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos outros esportes”, para então revelar seus aspectos sociais. O autor, também, ressalta que “o espaço dos esportes não é um universo fechado sobre si mesmo”, mas que “está inserido num universo de práticas e consumos, eles próprios estruturados e constituídos como sistema” (BOURDIEU, 2004, p. 210).

Certamente, a relação do esporte com a sociedade é cada vez mais mediada por uma lógica de mercado, que organiza eventos que geram muitos recursos – materiais e simbólicos. Essas discussões são amparadas por um campo da Geografia denominado “Geografia do Esporte”, que consiste no estudo “da dimensão espacial da atividade esportiva. Sua fundamentação parte do pressuposto de que para se realizar, a prática esportiva necessita de lugares apropriados, criados de acordo com princípios, regras e aspirações de cada modalidade” (MASCARENHAS, 2006, p. 125).

O autor ainda esclarece que o fenômeno esportivo, entretanto, carece de pesquisas interdisciplinares para compreender a dinâmica espacial na qual o esporte está inserido, pois esta representa “uma dimensão complexa e multifacetada da sociedade” (MASCARENHAS, 1999, p. 57). Parte desta problemática vem sendo apontada pioneiramente por Augustin (1997; 2002), que estudou esportes que se dão eventualmente no espaço, como o surfe, para discutir o conceito de territorialidade e o seu crescimento em evidência. O autor destaca que “a progressão do lazer esportivo comprovada pelas pesquisas nacionais mostram tendências para a diversificação de grupos sociais, gênero e idade”. Assim, os espaços urbanos e naturais “são investidos, ocupados e apropriados por grupos de praticantes, incluindo a marcação socioesportiva”. Existe, portanto, “uma expansão territorial de recreação” (AUGUSTIN, 2002, p. 424, tradução livre).

Para o autor, a experiência francesa ajuda a revelar que as práticas esportivas se dão no espaço através, sobretudo, de uma articulação de forças do poder público e da iniciativa privada, para o surgimento de outros territórios esportivos. Augustin (2002) atesta também que, mesmo com a prática do esporte sofrendo uma espécie de institucionalização pela mediação dos poderes público e privados, há possibilidades para que a prática esportiva se dê em espaços que escapam à mera codificação. O autor reforça que essa ideia, que interrompe situações estabelecidas, se dá em esportes que se associam à natureza ou a lugares onde há menos cerceamento e determinação para o espaço, como no caso do surfe, “onde as ondas são a cena, o mar a paisagem e a praia atua como bastidores e lugar do público que assiste ao ato” (AUGUSTIN, 1997, p. 409, tradução livre). No caso do surfe, Augustin denominou esse esporte na formação de uma “territorialidade incerta”.

A manifestação do esporte em um lugar determina uma relação embricada, de formação de territorialidade, e, portanto, o binômio esporte e sociedade formam uma articulação importante a ser estudada no âmbito dos estudos do espaço e a partir da cidade contemporânea. Isto porque “os esportes, enquanto fenômeno social, se realizam a partir de determinadas condições históricas e geográficas, ainda que este último conjunto de condições nem sempre seja reconhecido” (MASCARENHAS, 1999, p. 49).

Com um rico universo a ser explorado, verifica-se que a territorialidade ganha contornos específicos quando vista no universo das práticas esportivas que se dão no espaço: “A essência da cultura esportiva – ou culturas esportivas – é converter o espaço em território(s) para ajudar a revelar a dimensão espacial das principais questões que atravessam as sociedades contemporâneas, em diferentes níveis e escalas” (CALLÈDE; AUGUSTIN, 2010, p. 293, tradução livre). Nota-se, assim, que cada lugar que tem o esporte como uma prática relevante no espaço é passível de identificação de diferentes formas de pertencimento,

como Callède atenta a partir da obra de Augustin. Partindo da história de Copacabana, orla consagrada ao lazer e também à prática de vários esportes, ressalta-se uma extensa variedade de exemplos que se dão desde o início da ocupação do bairro, no início do século XX, e, mais organizadamente, até os dias de hoje. Portanto, afirma-se que o esporte, como um fenômeno social, econômico, cultural, vem passando por profundas transformações históricas, e possui relação direta com as possibilidades de leitura e análise de determinada realidade empírica do espaço urbano contemporâneo. A praia condiciona as modalidades de fruição do lugar, pela maneira dos indivíduos estarem juntos e conviverem.

O espaço público da orla revela-se, assim, um lugar onde as apropriações de indivíduos e grupos são determinantes para a formação de uma territorialidade muito específica: aquela dada pelo vôlei. Desta forma, destaca-se, entre tantas outras manifestações esportivas da praia, a importância do vôlei para a formação de uma territorialidade muito particular em Copacabana, que ganha expressão através de usos cotidianos e daqueles consagrados historicamente. E isto seja desde quando há registros das primeiras práticas do vôlei em Copacabana, nos anos 1920-1930, seja quando ganha em notoriedade global, à medida que a praia é constantemente utilizada para diversos campeonatos de caráter internacional, amplamente divulgados.

As territorialidades do vôlei em Copacabana

Após repassarmos os conceitos de território, territorialidade e territorialidade do esporte, cabe enfatizar que o esporte se insere no espaço urbano sazonalmente, através de eventos que são criados para dado momento em dado lugar. Em Copacabana, o vôlei torna-se um exemplo emblemático de como o esporte se articula com a praia para formação do que chamamos de territorialidade do vôlei.

A cidade como lugar da vida contemporânea comporta inúmeras possibilidades de manifestações tipicamente urbanas e o espaço público da praia reitera que essas manifestações são

democráticas, à medida que abrange pessoas de diferentes interesses e classes sociais, em busca da orla como um lugar de lazer. No Rio de Janeiro, a praia de Copacabana talvez seja o lugar mais conhecido e lembrado, e o vôlei quiçá seja o esporte mais praticado, com redes espalhadas do Leme ao Posto Seis – o que sugere diferentes apropriações e atribuem novos sentidos ao lugar e à paisagem.

Apesar de estar oficialmente no roteiro turístico da cidade do Rio de Janeiro desde 1905 (O'DONNELL, 2013), a praia de Copacabana passou a ser utilizada como prática de lazeres populares somente nos anos 1930 e 1940, quando este espaço público começou a ser visto como um lugar que denotava status, uma vez que também era frequentado por uma classe dominante que iniciava a enxergar na orla a possibilidade de ser saudável e praticar esportes sob a exposição ao sol, como o futebol, o frescobol e o vôlei de praia.

Originário dos Estados Unidos, o vôlei de praia nasceu no início do século XX, como uma “atividade de lazer durante o tempo livre dos estudantes universitários da rica costa oeste americana” (AFONSO, 2004, p. 2) e, a partir dos anos 1920-1930, passou a ser praticado aos finais de semana nas praias cariocas. Cabe ressaltar que o primeiro torneio oficial de vôlei de praia ocorreu em dezembro de 1946, justamente na praia de Copacabana (OLIVEIRA; COSTA, 2010). Desta época até os dias de hoje, Copacabana só reiterou a sua importância como uma espécie de capital nacional do vôlei de praia.

A paisagem do Rio de Janeiro e todos os seus atrativos naturais que ajudaram a eleger a cidade como sede dos jogos olímpicos, parte da ideia de que o lazer e o esporte (corrida, ciclismo, peteca, frescobol, etc.) são parte integrante e característica da sociabilidade da cidade, sobretudo na orla. Como comentam Oliveira e Costa (2010, p. 104), os frequentadores compartilham emoções e ostentam uma cultura de praia onde “o maior objetivo é o convívio social”.

A praia como lugar de convívio social diversificado, entretanto, é objeto de regulações, para que essa convivência seja a mais pacífica possível. Cabe notar que a instalação dos postes para montagem das redes de vôlei são objeto de autorização da prefeitura do Rio de Janeiro. Por meio do pagamento de uma taxa renovada semestralmente, chamada TUAP – Taxa de Uso de Área Pública, há a concessão para uso daquele espaço (PREFEITURA, 1984). Essa é uma medida para estabelecer um parâmetro para a prática de esportes, como o vôlei. Como observa Barickman (2016) o crescente uso das praias foi objeto de diretrizes legais desde o início do século XX: “a imprensa reclamava dos banhistas que incomodavam outros banhistas levando cachorros à praia ou praticando esportes – futebol e peteca – na areia”, da mesma forma que “criticavam os trajes 'levíssimos' e 'imorais' que muitos banhistas vestiam” (BARICKMAN, 2016, p. 13, grifos do original). Portanto, banhistas e esportistas na praia são regulados por normais e convenções sociais, mas sempre a partir da ideia da praia como lugar de convívio democrático. Na prática, em toda a praia há formas de territorialização instituídas, com públicos específicos por diversos trechos da orla, como no caso do Rio de Janeiro, bem mapeado em documentário (KALLMANN; SILVA, 2007).

Logo, o vôlei que se joga em espaço público, aberto, nas praias, é sinônimo de um evento democrático, que se afina com a ideia do esporte-espetáculo, realizado em espaço público de livre acesso: “este é um dos pontos positivos do espetáculo esportivo. No caso do vôlei de praia, o público participa do evento por livre e espontânea vontade. Com exceção do torneio olímpico, não é cobrado ingresso para entrar na arena a fim de fazer parte do espetáculo” (AFONSO, 2003, p. 31). Ou seja, em Copacabana há desde o vôlei cotidiano ao espetacular. Assim, pode-se notar que, em cada cidade e lugar de uma cidade, há a formação de múltiplas sociabilidades, de múltiplas territorialidades – dadas também pelo vôlei e suas singularidades.

Não só há a formação de uma territorialidade do vôlei, pela presença marcada nas areias para a prática do esporte com a instalação de postes para fixação da rede, marcação da quadra com fita, etc., como, igualmente, há a formação de territorialidades específicas, com grupos que se inserem em determinados pontos da orla, em determinadas “redes”, como no caso das areias de Copacabana. Assim, nota-se a formação de grupos por determinada especificidade e afinidade como redes onde há só mulheres, idosos, LGBTQI+, escolinhas de vôlei, entre outros. Certamente, essa é uma ideia de ordem geral, pois os grupos não são completamente homogêneos, mas nota-se uma predominância, que podem ser distinguidas por grupos de interesse e por horários de frequência: amadores (público em geral), profissionais (jogadores que treinam para campeonatos) e de escolinhas (com aulas para iniciantes), que se localizam em áreas mais ou menos definidas ao longo da orla, e que se alternam em relação aos dias (durante a semana e nos fins de semana) e horários.

Mapa 2 – Territorialidades do vôlei predominantes em Copacabana



Fonte: Concebida pelo autor 1 com base em Google Earth, 2019.

Legenda: (A) Faixa de areia extensa, que fica mais erma. Predominância do público masculino (militares); (B) Faixa de areia extensa, que fica mais cheia. Predominância do público LGBTQI+; (C) Faixa de areia extensa, onde se concentra grande parte das redes de vôlei. Compartilhamento do espaço com outros esportes mais evidente. Predominância de público variado e de escolinhas de vôlei; (D) Faixa de areia mais reduzida. Predominância de público mais idoso e de escolinhas de vôlei. Localização da rede da Tia Leah (precursora do vôlei em Copacabana).

Figura 1 – Jogo de vôlei, barracas de serviços e prédios da orla ao fundo. Praia de Copacabana, janeiro de 2019.



Fonte: Os autores, 2019.

Assim, este conjunto de pequenos territórios ao longo de toda a praia chama a atenção para a formação de uma territorialidade do vôlei, pela transformação de um lugar da cidade em prol de uma atividade de grupos com características e interesses diferentes, que se territorializam. Se, como vimos, há uma territorialidade do esporte, pela forma como esta atividade se organiza e se insere no espaço urbano, pode-se afirmar que há a formação de uma territorialidade do vôlei.

Em Copacabana, orla consagrada como lugar das primeiras experiências deste esporte em praias brasileiras, nota-se um rico campo de ideias, pela evidência na formação de territorialidades específicas que se inserem forte e ao mesmo tempo sutilmente no espaço. Fortemente, porque partem da fixação dos postes na areia para a marcação perene de seus territórios. E sutilmente, pois estas marcações ganham contornos específicos quando estes postes são utilizados para ativar o jogo de vôlei com a presença de seus inúmeros praticantes, seus campeonatos, festas e insumos necessários para a prática desse esporte.

Através da reconfiguração da paisagem da orla de Copacabana, os espaços são apropriados por atores que interpretam aquele lugar, compartilham seus afetos e criam sociabilidades específicas que demarcam territorialidades. Logo, a territorialidade do vôlei em Copacabana revela algo mais sobre a prática de esportes na cidade, sobre o vôlei de praia em

Copacabana e sobre a orla e o bairro em tempos atuais, onde o espaço público é o lugar que une e também o que se distingue, através de suas variadas possibilidades de apropriação.

Considerações finais

Em meio a toda a complexidade social que as cidades comportam, as metrópoles têm ampliadas interfaces com o cidadão, dado o grande número de usos e funções que o espaço urbano compreende. Nesse sentido, os espaços públicos são o lugar para a visibilidade das questões que são vividas na cidade da forma mais coletiva. O esporte e a sua relação com as diferentes esferas da vida, tanto no âmbito social e econômico, como cultural, comprovam que o nosso cotidiano foi invadido pelo forte apelo e influência que o esporte e as atividades vinculadas a ele têm atualmente. Como comentam Melo et al. (2013, p. 50, grifos do original): “Talvez possamos mesmo falar de um processo de *esportivização* da sociedade, isto é, a adoção de determinadas características da prática esportiva como pressupostos aceitos e adotados por outras esferas sociais”. No caso do Rio de Janeiro, devido ao clima e à condição geográfica, a presença do esporte em espaços livres urbanos, sobretudo na orla, consagra um estilo de vida tipicamente da cidade, o “carioca” – gentílico utilizado.

O esporte exerce influência fundamental na construção de sentidos da vida urbana em espaços públicos destinados ao lazer. No caso de Copacabana, o vôlei de praia é parte integrante da história do bairro, uma vez que nele se desenvolveu a modalidade no país, foram organizados campeonatos nacionais e internacionais e, em 2016, a praia foi a sede da arena do vôlei de praia para os Jogos Olímpicos do Rio, com ampla cobertura da mídia.

Da organização de pequenos grupos nos idos 1920-1930, ao cotidiano tradicional de redes onde diferentes grupos se organizam à espetacularização máxima global em 2016, as territorialidades advindas pela prática do vôlei em Copacabana se mostram relevantes para a compreensão da destinação de usos no espaço público contemporâneo. Marcados por amparo e

autorização da prefeitura local para funcionarem, redes são montadas por grupos de amigos e conhecidos com diversos interesses – como por escolinhas que exploram o espaço comercialmente para suas atividades de treinamento e por eventos que têm nesse esporte a possibilidade de vinculação com um lugar de paisagem marcante no imaginário coletivo e na disputa pela formação de territórios no já disputado espaço da praia, inclusive, competindo com outros esportes que também são praticados na orla.

A disputa por territórios não se organiza sem relações de poder estabelecidas, com a participação de interesses privados a serem mediados no espaço público, com alguma diretriz e códigos estabelecidos pela legislação municipal. Mas há uma territorialidade específica do vôlei: fincados seus postes na areia, dão pistas que ali se organiza um território que só se completa com a montagem de todo o aparato do esporte e com a participação dos jogadores. E territorialidades específicas do vôlei em Copacabana: ao longo de sua extensa orla, os grupos se especializam em lugares e horários, em rotinas que excedem em complexidade, mas são regidas por um conjunto sedimentado de hábitos, com a organização de grupos amparados legalmente, onde as relações de poder são evidentes no controle de cada rede.

As territorialidades do vôlei em Copacabana expressam também as possibilidades de convívio variado e saudável do espaço público e ainda conferem particular integração com a paisagem, em constante movimento (COSTA, 2006). Revelam, na mesma medida, um novo campo de estudos a ser mais explorado, que integre esporte, espaço público e a formação de apropriações do espaço que se configurem como a marcação de territorialidades e a atribuição de sentidos para a vida na cidade.

Agradecimentos

Os autores agradecem o apoio financeiro da CAPES e da FAPERJ à pesquisa para tese de doutorado em desenvolvimento de Autor 1 e dedicam o artigo à memória do professor Gilmar Mascarenhas, precursor dos estudos sobre Geografia do Esporte no Brasil.

Referências bibliográficas

- AFONSO, G. **Voleibol de praia**: uma análise sociológica da história da modalidade (1985 – 2003). 2004. 233f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- AUGUSTIN, J. P. Les territoires in certains du sport. **Cahiers de géographie du Québec**, v. 41114, p. 405-411, 1997.
- AUGUSTIN, Jean-Pierre. La diversification territorial et dès activités sportives. **L'annéessociologique**, v. 52, p. 417-435, 2002/2.
- BARICKMAN, B. J. Medindo maiôs e correndo atrás de homens sem camisa: a polícia e as praias cariocas, 1920-1950. **Recordre**: Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 1-66, jan./jun., 2016.
- BOURDIEU, P. Os jogos olímpicos. In: BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 121-128.
- BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. 234 p.
- CALLÈDE, J-P.;AUGUSTIN, Jean-Pierre. **Géographie du sport**. Spatialités contemporaines et mondialisation. Paris: Armand Colin, 2010. p. 293-295.
- CARDOSO, E.; AUTOR 2; ALBERNAZ, M.; AIZEN, M.; PECHMAN, R. **História dos bairros – memória urbana**: Copacabana. Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia; Editora Index, 1986. 191 p.
- COPACABANA. Compilação de dados, informações e fatos sobre Copacabana. Disponível em: <<http://copacabana.com/dados-sobre-copacabana/>> . Acesso em: 20 jan. 2019.
- CORBIN, A. **O território do vazio**: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 388p.
- COSTA, L. A paisagem em movimento. In MACHADO, Denise (Org.). **Sobre urbanismo**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley; Ed. PROURB, 2006. p. 149-155.
- FERNANDES, B. Sobre a tipologia de territórios. In SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Orgs.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular; UNESP, 2009. p. 197-215.
- FERNANDES, C. S. Territorialidades cariocas: cultura de rua, sociabilidade e música nas “ruas-galerias” do Rio de Janeiro. In FERNANDES, C. S.; MAIA, J.; HERSCHMANN, M. (orgs.). **Comunicações e territorialidades**: Rio de Janeiro em cena. Guararema, SP: Anadarco, 2012. p. 71-95.
- FREIRE, M.; RIBEIRO, D. **Ouro olímpico**: a história do marketing dos aros. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: COB, 2006. 336 p.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016. 396 p.
- HELAL, R. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 77 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **População**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017?. Disponível em:

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/panorama>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

JACQUES, P. Montagem urbana: uma forma de conhecimento das cidades e do urbanismo. In: JACQUES, P; BRITTO, F. (Orgs.). **Experiências metodológicas para compreensão da cidade contemporânea**: Tomo IV – Memória Narração História. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 47-94.

KALLMANN, D.; SILVA, F. **Faixa de areia**. Filme, 94 min., 2007. Publicado pelo canal “misterjohnfortal”, em 27 jul. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0ao2bIOtQwk> Acesso em: 3 abr. 2020.

LOPES, F. Esporte e classe social na sociologia de Pierre Bourdieu. **Revista Espaço Ética**: educação, gestão e consumo, São Paulo, ano I, n. 3, p. 168-182, set./dez. 2014.

MAIA, J.; BIANCHI, E. Réveillon de Copacabana: territorialidades temporárias. In: FERNANDES, C. S.; MAIA, J.; HERSCHMANN, M. (Orgs.). **Comunicações e territorialidades**: Rio de Janeiro em cena. Guararema, SP: Anadarco, 2012, p. 129-145.

MASCARENHAS, G. Geografia do esporte. In: DACOSTA, LAMARTINE (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. p. 125.

MASCARENHAS, G. A geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. **Conexões**: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 1, n. 2, p. 47-61, dez. 1999.

MEDEIROS, R. M. V. Território, espaço de identidade. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (orgs.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular; UNESP, 2009. p. 217-227.

MELO, V.; DRUMOND, M.; FORTES, R.; SANTOS, J. **Pesquisa histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. 192 p.

O'DONNELL, J. **A invenção de Copacabana**: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940). Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 256 p.

OLIVEIRA L.; COSTA, V. Histórias e memórias de pioneiros do vôlei de praia na cidade do Rio de Janeiro. **Revista de Educação Física/UEM**, Maringá, v. 21, n. 1, p. 99-113, 1. Trim. 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Ordem Pública. **Isenção de TUAP**. Rio de Janeiro: SEOP, 1984. Disponível em: <http://www.pcrj.rj.gov.br/web/seop/exibeconteudo?id=5811335>. Acesso em: 29 jun. 2017.

RAFFESTIN, C. A produção das estruturas territoriais e sua representação. In SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Orgs.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular – UNESP, 2009. p. 17-35.

SACK, R. D. **Human territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 (1986). 267 p.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2008. 176 p.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular; UNESP, 2009. p. 73-94.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 320 p.

SOUZA, M. L. "Território" da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental". In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular; UNESP, 2009. p. 57-72.

Marcelo Ribeiro Tavares - Graduado em Comunicação Social (UGF) e Educação Física (FMG). Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa e Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutor em Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com intercâmbio na Universidade de Lisboa (CIAUD/UL). Atualmente é professor convidado dos cursos de especialização da Universidade Federal do Rio de Janeiro. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5548-8486>

Lilian Fessler Vaz - Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFRJ), mestrado em Planejamento Urbano e Regional (UFRJ), doutorado em Arquitetura e Urbanismo (USP) e pós-doutorado (MSH, Paris 2003). Pesquisadora CNPq 1B, professora colaboradora voluntária, aposentada, nível Associado II, do PPG em Urbanismo PROURB/FAU/UFRJ, onde atua em ensino, pesquisa e orientação de bolsistas IC e AT, alunos de Mestrado e Doutorado e bolsistas de pós-doutorado. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9632-9617>

Madalena Cunha Matos - Professora Associada da FA-UL, onde organizou e coordenou o Mestrado em Arquitetura. Leciona Projeto e Teoria da Arquitetura na graduação. No programa de doutorado, lecionou Arquitetura e História da Construção, 'Culturas Urbanas e Arquitetura' e 'Seminário III'. Trabalhou como projetista em edifícios de diversas tipologias, em especial nos de ensino superior e em campus universitários, em planejamento urbano e em reabilitação de edifícios históricos e áreas urbanas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1779-3855>

Recebido para publicação em 27 de junho de 2020

Aceito para publicação em 23 de agosto de 2020

Publicado em 31 de dezembro de 2020